

# TOM

5206

## O SOM E O VERSO

GILSE CAMPOS

Mais um disco de Tom Jobim está pronto para ser lançado. São músicas "como eu não sabia fazer antes", o trabalho novo, do qual ele não sabe falar, "porque a música é um organismo vivo, ela contém a sua própria crítica." A única coisa que ele sabe é que a fonte de inspiração é uma só, "é esse Brasilzão, que ainda existe em estado selvagem de sertão, de verde, de passarinho, de pau, de pedra." Mas o passaporte de Tom está pronto, e ele parte daqui a uns dias para Nova Iorque. Uma viagem de negócios, pois a música deixou raízes por lá. Ele vai e volta logo, porque diz: "Como é que eu posso trabalhar num lugar onde os pijamas não têm bolsos?"





Um filé de peixe no Antonio's, comidinha leve, como Tom gosta, "o brasileiro tem mania de fritar tudo, até tomate. *Pra mim, o bom é comer churrasco, principalmente no sítio da minha mãe, que fica num sem-fim aí.*" Nesse sítio, Tom está construindo uma casa pequena, caiada de branco, onde vai botar um piano e ficar fazendo música.

— Está difícil a gente se entender no Rio. E eu não sou só o músico, o compositor, o maestro, o letrista. Eu sou o pai, o chofer, o cozinheiro, cuido de tudo.

Tom diz isso, mas para ele, seis meses fora do Rio já é uma eternidade. Foi exatamente aqui, onde nasceu e foi criado, entre amigos, bares, "buzinas e olés", que ele fez quase tudo.

— E, às vezes eu tenho o piano, o lápis, o papel, o silêncio, e o barulho interior é enorme. Eu só faço música no auge da lucidez, tomando café e fumando. E' quando eu me esqueço de mim mesmo e só penso naquilo que estou achando bonito.

## É o verso

Tom fala em beleza e lembra Drummond. Ele diz que a obra do poeta teve influência marcante em toda a sua música "e também na minha vida." E' o toque nítido de poesia nessa música que já foi de camara, que já foi samba-canção, bossanova, mil sambas e que sempre nasceu da mesma necessidade de "contar coisas bonitas." Coisas que ele cita "nuvens, chuva, sol, mar, dia, noite."

— A gente está vivo e percebe as coisas. Não existe o fora e o dentro, o exterior e o interior. Aí eu faço um avião com os meus poucos recursos, e ele voa. E a gente se mistura com a natureza que está lá fora e dá qual a gente faz parte. Porque de qualquer maneira a gente está dentro do contexto, nem que seja o do ar refrigerado.

Não é fácil para Tom compartilhar do contexto caótico da supercidade, onde o clima confuso tem feito com que muitas vezes sejam ignorados certos valores básicos da música. E vem o barulho, o uso experimental dos sons.

— Mas a organização dos sons ainda persiste. Eles não podem se sobrepor à relação abstrata entre duas frequências. Até hoje as pessoas ainda escutam melodias. Em No-

va Iorque o barulho musical está cessando. Porque música não é arte de excitação, não é um mero estimulante. Ela não foi feita para ensurdecer as pessoas, para pular até cair duro.

Tom é dessas pessoas que tira tudo da música, "ela nos impõe um comportamento de vida, uma disciplina, um senso de equilíbrio enorme, uma moral. A obra musical muitas vezes vai nos revelar verdades eternas, filosóficas."

Mas ele mesmo diz que a música mudou, assim como a sua

interferência na vida das pessoas.

— Realmente ela sofreu todos os embates. Porque se ela faz parte da vida, ela ficou materialista, sexual, utilitária, rápida, barulhenta. E o homem tem menos tempo para se dedicar a ela. Mas há uma esperança, porque o ideal de todo mundo é sempre a paz. A gente vive no barulho para poder comprar o sossego.

## É a fama

Os franceses procuram Tom porque querem grayar *Águas de Março*. "Eu fico todo arrepiado. Eles vêm e escolhem justamente o que a gente faz de mais brasileiro." Mas ele, que tem mais de 20 músicas traduzidas, está com medo.

— Os grandes letristas não são versionistas. E' muito raro uma música brasileira ser bem interpretada. Já fizeram barbaridades com as minhas nos Estados Unidos, com letras horríveis onde falavam de banana, café, futebol.

Ele diz que música popular não é levada a sério, "os nossos escritores merecem traduções primorosas, e agora mesmo a Elizabeth Bishop fez um livro excelente de poetas brasileiros traduzidos para o inglês. Mas com música ninguém se interessa."

Só que aí entra outro problema, porque ele diz que o português é excelente para se fazer música, mas "sai um negócio muito unha e carne, uma coisa indivisível, difícil de passar para os outros." Quando ele diz isso, quer se referir, principalmente, ao som expressivo que se pode obter com certas palavras. "o som anóia mui-

to o que a gente faz, como por exemplo: caingá, candeia, é Matita Perera. Você tem que ser brasileiro para poder saber o peso de cada palavra, para poder sentir isso."

E foi essa curiosidade grande, essa atração irresistível pela cadência do seu idioma, que levou Tom a procurar a intimidade de Bandeira, Cassiano Ricardo, Bilac, Murilo Mendes, João Cabral, Augusto dos Anjos, Guimarães Rosa, "a minha música *Matita Perera* deve muito a ele."

## É a luta

Tom está nervoso porque vai viajar, "tanto que eu nem consigo parar de balançar a perna. Tenho pavor a avião e a ter que enfrentar aquela loucura de aço." Mas Nova Iorque é importante, "é bom que as coisas tenham acontecido lá, onde as músicas têm uma vida mais longa. Aqui há um *prafentismo* que acaba com tudo."

— Eu poderia ter ficado nos Estados Unidos e hoje estaria muito rico. Mas não quero ser mais um músico numa grande cidade do mundo. Eu quero é respirar esse ar e poder fazer *O Rancho nas Nuvens, Ana Luísa, Matita Perera*.

Em 65, ele passou o primeiro período fora do Brasil. E todas as coisas aconteceram, nos 11 meses de Califórnia. As músicas gravadas, os convites de Hollywood, amizades importantes, prestígio. E Tom poderia ter comprado a casa colonial espanhola em cima do morro, com piscina na frente, "mas aqui eu tenho muito mais. Tenho o frevo, o maracatu, o baião, mil tipos de sambas. Se eu ficasse lá, não ia sair: *É o vento ventando, é o fim da ladeira/ É a vigia é o vão, festa da cumeeira. Pra isso, a gente tem que ficar aqui, batendo papo todo o dia.*"

Tom comenta as vantagens do compositor que é aceito no mercado americano, as oportunidades, o reconhecimento, a chance de um trabalho bem feito, o dinheiro. Mas isso não o emociona.

— Eu já tive muita angústia de dinheiro na minha mocidade. Naquele tempo, os composi-



tores morriam tuberculosos e profetizaram isso também para mim. Eu tinha problemas com negócios de aluguel, casadinho de novo, morando num quarto e sala. Era duro tocar a noite toda — andei por todos os bares de Copacabana. Eu tinha pavor de ficar doente. Mas agora que os problemas de boca e de teto estão resolvidos, eu só quero um arrozinho, um leguminho, uma caminha. Eu quero ser um fazendeiro do ar.

## É a alma

Ele hoje vive basicamente dos direitos autorais. São mais de 200 músicas gravadas, sendo que umas 20 ou 30 são sucessos permanentes no mundo inteiro. Mas tudo isso ele conta sem grandes emoções. O que o faz tremer um pouco, é contar fatos como o dia em que o entregador de leite passou de bicicleta em frente à sua casa em Londres assobiando *Garota de Ipanema*.

— Há muitas coisas que compensam. Compensa a alma de criança que a gente tem, a alma que brinca na calçada, que vê as nuvens, os pássaros, o claro-escuro. E quando você consegue botar isso numa música, aí é muito bom.

Em *Águas de Março*, Tom adota uma construção que queria fazer valer lá fora, "dizendo coisas sem muita complicação."

— A música brasileira tinha muito adjetivo, era um tal de *tarde triste, mulher bela, coração inquieto*. Foi Vinícius quem chegou afirmando coisas como *Eu Sei que Vou te Amar* e acabou com aquela atitude negativa e complicada de *Não Posso Mais, Se Eu Pudesse Esquecer Viveria a Cantar*.

## É a vida

Antônio Carlos Jobim já fez 46 anos. E' casado com Teresa há 23 e tem um casal de filhos, "o menino casou e eu vou ser avô. Mas estou tranquilo." Todas as tardes ele sai, de camisinha leve, calças simples e sapatos sem meias, e vai ao encontro dos amigos nos bares de Ipanema.

— E' bom *curtir* uma soli-

dão, mas o amigo é bom, ele ajuda a gente. Eu tomo chope com Vinícius e ele me despertá para a literatura inglesa, eu brinco com Roniquito e Paulo Mendes Campos e eles me apresentam a Shakespeare, e Carlinhos me empresta *Os Sertões*, um livro indispensável a todo brasileiro.

Ele adora conversar, toma vários cafezinhos, é extremamente simples quando fala de si. E conta, por exemplo, como foi que começou a bater nas teclas do piano alugado que ficava na garagem azulejada e fria da casa de Saddock de Sá, "eu tinha o maior preconceito, achava que piano era coisa de mulher. Mas veio a dor-de-cotovelo, eu achei que a Teresa não queria mais casar comigo, e larguei o curso de Arquitetura. Não fazia mais sentido ser doutor."

E, aos 19 anos, Tom já estava engrenado no estudo sério de música com Lúcia Branco. Diz que queria saber tudo. E virou maestro, arranjador, pianista, compositor, cantor, tocador de violão, até dançarino. E nos passeiosinhos pelo teclado, nasceram as primeiras músicas, "a primeira mesmo era bonitinha, mas eu nem me lembro. Quando eu abri o olho, já tinha isso tudo."



"Fiquei arrepiado quando os franceses me procuraram para gravar *Águas de Março*, pois eles escolheram justamente o que fiz de mais brasileiro"